



CONTRASTES ENTRE HEDONISMO E SUPERSTIÇÃO EM EPICURO E ONFRAY

DOI: <https://doi.org/10.4013/con.2022.183.01>

Andre Pereira da Silva

Graduando em Filosofia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

andresilva.pra@hotmail.com

<http://lattes.cnpq.br/9480424774724163>

RESUMO:

Este trabalho tem por objeto a crítica às superstições enquanto uma convergência teórica entre o pensamento de Epicuro (341 a.C. – 270 a.C) e o de Michel Onfray (1959-). Como tese central, a análise dessa convergência no combate aos efeitos nocivos da superstição sobre a vida ética dos indivíduos. Objetiva-se investigar como o hedonismo elaborado por ambos propõe modos de vida determinados pelo prazer e pela ausência de superstições. Como método, uma análise comparativa entre os dois filósofos. Como resultado, a constatação da existência de dois projetos éticos que propõem modos de vida livres da superstição e das suas consequências lesivas sobre o homem e sobre sua vida.

PALAVRAS-CHAVE:

Razão. Prazer. Felicidade. Superstição. Medo.

CONTRASTS BETWEEN HEDONISM AND SUPERSTITION IN EPICURUS AND ONFRAY

ABSTRACT:

This work aims to criticize the superstitions as a theoretical convergence between the thought of Epicurus (341 b.C. - 270 b.C) and that of Michel Onfray (1959-). As a central thesis, the analysis of this convergence in the fight

against the harmful effects of superstition about the ethical life of individuals. The objective is to investigate how the hedonism elaborated by both proposes ways of life determined by the pleasure and by the absence of superstitions. As a method, a comparative analysis between the two philosophers. As a result, the finding of the existence of two ethical projects that propose ways of life free from superstition and of yours harmful consequences on man and your life.

KEYWORDS:

Reason. Pleasure. Happiness. Superstition. Fear.

Introdução

Os hedonismos de Epicuro e de Onfray, apesar da distância cronológica, apresentam-se como projetos filosóficos que consideram o prazer como o centro gravitacional da vida humana. Em ambos os autores, os homens constroem existências felizes, determinadas pelo cuidado com o corpo, pela busca por liberdade e pela celebração da vida. Tal como a maior parte das doutrinas hedonistas, é possível constatar hierarquias ou admoestações que afirmam que nem todos os prazeres corroboram com a felicidade do homem, por isso, nem todos são úteis ou recomendáveis.

O hedonismo se caracteriza como uma doutrina que concebe a fruição do prazer, ou da *hedoné*, como o princípio fundamental da vida ética (ABBAGNANO, 2020). De modo geral, há vários gêneros de hedonismo, como o hedonismo da escola cirenaica, na antiguidade, ou o hedonismo onfrayano, na contemporaneidade. O hedonismo de Epicuro, por sua vez, estabelece uma hierarquia entre os prazeres, valorizando mais aqueles que estão relacionados ao cultivo da razão, como a prudência e a meditação filosófica (bens internos que fortalecem a alma), do que aqueles que dizem respeito à vivência das paixões, como a ostentação de riquezas ou a busca por poder, bens externos que enfraquecem o espírito humano.

Uma das convergências mais contundentes entre o hedonismo apresentado por Epicuro e por Onfray, situa-se na oposição radical às superstições criadas pelas religiões. Para ambos, o medo advindo das superstições reduz a capacidade do homem de agir, de usufruir do próprio corpo, de construir uma subjetividade forte. Para Epicuro, é pela ignorância que os homens aderem às superstições, enquanto que, para Onfray, é por medo de encarar a realidade de uma existência sem sentido, regida pelo caos. Entretanto, o supersticioso é alguém que vive um estado de servidão, sem utilizar-se da própria razão, da própria liberdade, vive e sofre em função de ideias e valores ilusórios.

A superstição produz homens que vivem atemorizados pela morte, pelo receio de castigos sempiternos e que aguardam por uma vida melhor em um mundo porvir. Opondo-se a isso, Epicuro e Onfray conceituam e apresentam o hedonismo como um modo de vida capaz de liberar os homens do medo e da espera, pois afirmam que o medo dos deuses e a espera por uma outra vida são inúteis, dado que o mundo terreno é o único mundo do qual dispomos.

A felicidade, por sua vez, é possível e o sofrimento só é legítimo, quando é útil, isto é, quando se sofre para adquirir um prazer maior, como quando se consome um remédio amargo para se curar de uma enfermidade (SPINELLI, 2009). Nesse sentido, eles se opõem a superstição por considerarem que ela opera como causa de medo, de culpa, de tristeza, sentimentos que consubstanciam modos de existência determinados pela preponderância das dores sobre os prazeres, do sofrimento sobre a felicidade.

Como meio de desenvolver e explicitar essa investigação sobre o combate às superstições operado por Epicuro e por Onfray, o presente artigo apresenta a crítica ‘deísta’ feita por Epicuro às superstições referentes à existência e à ação dos deuses; em seguida, retrata a oposição onfrayana às religiões e, sobretudo, às superstições do ideário cristão; por último, analisa o hedonismo com um modo de vida orientado pela razão, fundamentado no prazer e na felicidade. Em outros termos, trata da incompatibilidade entre a fruição dos prazeres, apregoada pelo hedonismo, e os afetos tristes produzidos pelas superstições.

1. O hedonismo de Epicuro e seu combate às superstições

Por volta do ano 306 a.C., Epicuro estabeleceu em Atenas uma comunidade de amigos de cunho hedonista. Para esse filósofo, o prazer se constitui como o caminho régio para a felicidade, entretanto, como observou em sua época, os homens comumente se afastavam desse caminho ao serem constrangidos por ilusões e temores religiosos que se consubstanciam como causa de medo e de padecimentos. Por conseguinte, se constata na doutrina de Epicuro uma oposição às superstições religiosas, ou às ideias pelas quais os homens são constantemente ameaçados e oprimidos, dado que é por meio dessas ideias que os homens seriam levados a crer na existência de deuses voluntariosos, responsáveis por ordenar, vigiar e castigar os homens e suas vidas.

A construção de uma vida constituída por prazeres verdadeiros, isto é, prazeres estáveis, que são causa de serenidade e não de sofrimento, como a ausência de ambição por riquezas ou de temores relacionados ao porvir, está vitalmente condicionada à superação das ilusões e das superstições, e isso só é realizável pelo cultivo da filosofia. Por meio do cultivo desta, Epicuro articula um pensamento que se vale unicamente da razão para desconstruir as ilusões que causam medo (superstições), e o faz ao

explicitar aos homens a verdadeira natureza do mundo, dos corpos materiais e dos deuses, que nada possuem de temível. Segundo Epicuro:

É impossível perdermos o medo que se apodera de nós quando indagamos sobre aquilo que acontecerá no fim de nossa vida, se não estivermos instruídos a respeito da constituição do universo, e, portanto, suspeitarmos de que haja algo de verdadeiro nos relatos contidos nos mitos dos deuses. Sem o conhecimento da natureza, não gozaremos, pois, inteiramente, prazer nenhum (EPICURO, 2005, p.63-64).

A relação entre medo e prazer se configura sobretudo pela oposição radical entre ambas. O prazer se constitui, portanto, como um bem imanente à vida, responsável por originar, conduzir e regular cada ação humana. Por sua vez, o medo se caracteriza como um gerador de sofrimento, considerado por Epicuro como o mal supremo. De modo geral, para os homens que vivenciam os prazeres à luz da razão, alguns sofrimentos momentâneos apresentam-se como meios para prazeres longevos e esses sofrimentos valem mais do que prazeres rápidos e supérfluos, dado que os prazeres supérfluos são obtidos pela satisfação de necessidades ilusórias, como a ambição por riquezas, que enfraquece os homens, em vez de convergir com o seu fortalecimento.

O sofrimento causado pelo medo não se constitui como causa de prazeres longevos, por visto não estar fundamentado na razão, mas no seu oposto, isto é, na superstição. Enquanto ilusão, a superstição se caracteriza como um juízo falso acerca da realidade, que se constitui não pela razão, mas pela opinião; e que não é confirmado pela sensação (ULLMANN, 1996). Para Epicuro, a realidade do mundo, composta por males como a fome e as pandemias, comprova a ausência de ordem e de razão na constituição do mesmo (EPICURO, 2005). Logo, a afirmação de que o mundo é ordenado e conduzido pela vontade e pela razão dos deuses, como sugere Sêneca (2016), constitui-se para Epicuro como uma superstição.

Ao contrário do que sugere Barão d' Holbach (2010) ou Jean-Baptiste Poquelin (2009), o Molière, que se precipitaram, por razões distintas, ao considerarem Epicuro como ateu, esse filósofo em momento algum recusou a existência dos deuses, admitindo-os, inclusive, como seres imortais e felizes (EPICURO, 2005). Entretanto, a contrapelo da opinião comum em seu contexto, Epicuro argumenta que os deuses não criaram o mundo, não o ordenaram, não o conduzem ou sequer se ocupam com a vida dos seres humanos (EPICURO, 2005). Mais do que isso, ele sugere que os deuses habitam outra dimensão e que a existência deles apenas nos é útil como exemplo de felicidade e de *ataraxia* (imperturbabilidade do corpo e da alma) (EPICURO, 2005).

A afirmação de que o mundo é criado, ordenado e conduzido pela razão e pela vontade dos deuses, se afigura como uma superstição, não apenas pelos efeitos que produz (o medo), mas pela causa da qual deriva, a ignorância. Retornando implicitamente a alguns filósofos naturalistas, comumente

tratados como pré-socráticos, tais como Demócrito (cerca de 460 a.C. a 370 a.C.) e Leucipo (cerca de 500 a.C. a 430 a.C.), Epicuro afirma que o mundo surge do caos, pelo movimento caótico dos átomos,¹ partículas materiais que ora se agregam, compondo coisas e seres como as pedras e os homens, e ora se desagregam, desfazendo a existência dessas coisas e desses seres (EPICURO, 2005).²

Epicuro argumenta que os deuses também são constituídos por átomos, porém de natureza diferente daqueles que constituem o corpo e a alma humana (EPICURO, 2005). Se, por um lado o homem e sua alma são suscetíveis de completa dissolução, por outro lado, os deuses não o são.

A filosofia epicurista possui, então, consequências arrojadas, pois libera o homem dos juízos supersticiosos que atribuem a estas obrigações em relação aos deuses, e que suscitam e legitimam a possibilidade de sanções por parte dessas divindades, quando tais obrigações não são cumpridas. Com efeito, os deuses deixam de representar uma ameaça constante, causadora de medo, e são convertidos em causa de felicidade, pois tornam-se exemplos a serem seguidos, dado que se comprazem em viver entre semelhantes (cultivam a amizade); regozijam-se com a existência (usufruem da felicidade), e não se deixam afligir ou perturbar pelos males inerentes ao mundo humano, pois auferiram a ataraxia.

Em grande medida, os juízos falsos acerca dos deuses são também causa de medo, porque atribuem aos deuses características ou sentimentos demasiados humanos, como a irreflexão e a passionalidade inconstante marcada pelo predomínio de paixões como a cólera, o rancor e a vingança (ULLMANN, 1996, p. 82). Para Epicuro: “O ser bem-aventurado e imortal não tem incômodos nem os produz aos outros, nem é possuído de iras ou de benevolências, pois é no fraco que se encontra qualquer coisa de natureza semelhante” (EPICURO, 2005, p. 98).

Ademais, a ideia dos deuses como seres oniscientes, onipotentes e generosos, que constantemente intervêm sobre a vida humana, contradiz de modo significativo a realidade na qual os homens vivem, pois, sendo os deuses racionais e capazes de subverter o modo com a realidade se dá, como se explicariam os grandes padecimentos aos quais os homens estão constantemente suscetíveis? Em sua doutrina, Epicuro trata essa questão ao reconhecê-la como o seguinte paradoxo:

¹Para o atomismo de Epicuro, o *kósmos* é indeterminado e incriado, constituído por vazio, por movimento e por partículas materiais, imutáveis e indestrutíveis que sempre existiram, os átomos. Esses átomos se deslocam no vazio a partir de uma força (*dýnamis*) que lhes é própria (SILVA, 1992, p. 71). Em seu movimento, sempre de cima para baixo, os átomos são compelidos a uma curvatura por meio da qual se chocam, o *clinámen*, compondo e decompondo novos corpos a depender do modo como se chocam (REALE & ANTISERI, 2004, p. 265-266).

²No entanto, ao contrário de Demócrito e Leucipo, que conceituam os átomos como compostos por figura, ordem e posição, Epicuro os conceitua como compostos por forma, peso e grandeza (REALE & ANTISERI, 2004, p. 265-266). No mais, à revelia dessa e de outras contrariedades, Epicuro e os atomistas naturalistas guardam grandes convergências, a saber: apreendem a *phýsis* como uma totalidade composta por corpos que são formados pela agregação dos átomos e destruídos pela desagregação destes; consideram que a *phýsis* não possui causa final ou causa inteligente, dado que é incriada e eterna; e afirmam a existência de infinitos mundos advindos da natureza infinita dos átomos (EPICURO, 2005).

Deus, ou quer impedir os males e não pode, ou pode e não quer, ou não quer nem pode, ou quer e pode. Se quer e não pode, é impotente: o que é impossível em Deus. Se pode e não quer, é invejoso: o que, do mesmo modo, é contrário a Deus. Se nem quer nem pode, é invejoso e impotente: portanto, nem sequer é Deus. Se pode e quer, o que é a única coisa compatível com Deus, donde provém então a existência dos males? (EPICURO, 2005, p. 115).

Por meio da constatação desse paradoxo, que revela a incongruência incontornável da ideia supersticiosa de Deus, Epicuro reconhece a filosofia como um meio de aperfeiçoar a razão humana, pois por meio dessa é possível que o homem conheça a verdadeira natureza do mundo, no qual reina o acaso, e a verdadeira natureza dos deuses, que de coisa alguma se ocupam menos do que da vida humana (EPICURO, 2005). Para Miguel Spinelli (2009): “[De acordo com Epicuro] só uma visão cientificamente válida do mundo (da qual a experiência é a base) seria capaz de afugentar o homem de seus medos e temores, e de iluminá-lo na busca de uma vida prazerosa e feliz” (SPINELLI, 2009, p.126). Desse conhecimento, surge no homem a sabedoria, que o reabilita para uma vida sem medo, repleta de prazeres e que tende à felicidade.

2. O hedonismo ateu de Michel Onfray e seu combate às superstições

O filósofo contemporâneo Onfray apresenta um projeto ético fundamentado em um hedonismo ateu que considera o prazer individual e coletivo como o valor supremo da vida humana. O prazer representa, então, o aumento da potência com a qual um corpo sente, pensa e age. Onfray distingue ainda dois gêneros de subjetividade: a subjetividade forte e a fraca (ONFRAY, 2010). O primeiro gênero constitui, e é constituído, por um corpo capaz de experimentar e de causar prazeres que corroboram com a construção de existências livres e felizes. O segundo gênero, constitui, e é constituído, por um corpo enfraquecido que é menos apto para experimentar e causar prazeres, convergindo, assim, com o sofrimento e com a servidão (ONFRAY, 2010).

As superstições religiosas convergem com o surgimento de indivíduos e subjetividades enfraquecidos, pois opera restringindo e tutelando as possibilidades e capacidade desses indivíduos de experimentarem prazeres. Nas sociedades capitalistas da contemporaneidade, Onfray denuncia o recrudescimento das superstições religiosas, sobretudo as judaico-cristãs, que se ampliam de modo a reduzirem a liberdade de variados grupos sociais, ameaçando de modo significativo as chances coletivas e individuais de fruição do prazer e de conquista da felicidade (ONFRAY, 2010). Para o hedonismo onfrayano, o cristianismo, assim como grande parte das religiões, por mais variadas e singulares que sejam, caracteriza-se como um ideário criado e sustentado por indivíduos que optam por ilusões em vista

dos aspectos mais excruciantes da realidade, tais como a morte, a contingência e os sofrimentos. Se, para Epicuro, os homens aderem involuntariamente às superstições, compelidos pela ignorância, para Onfray, além da ignorância, os indivíduos também se aferram voluntariamente às superstições como um modo de recusar, ou de afastar, verdades indesejáveis.

A credulidade dos homens supera o que se imagina. Seu desejo de não enxergar a evidência [a finitude da própria vida, por exemplo], sua avidez por um espetáculo mais divertido, mesmo que pertença a absoluta ficção, sua vontade de cegueira não conhece limites. Antes fábulas, ficções, mitos, histórias para crianças do que assistir à revelação da crueldade do real que obriga a suportar a evidência trágica do mundo (ONFRAY, 2014, p. 20).

Apesar de conceituar o cristianismo como um gênero de adoecimento, de considerar a crença como um modo de conhecimento inferior à razão e de alegar que as religiões mais lesionaram do que conservaram os homens e a vida ao longo da história, Onfray não se opõe àqueles que optam pela crença e que a vivem de modo individual (ONFRAY, 2014).

Mediante a ascensão do cristianismo e das superstições que o sustentam, Onfray reconhece a centralidade do hedonismo enquanto um modo de pensar, de viver e de agir capaz de ultrapassar as amarras criadas por valores e discursos produzidos por ideais religiosos, tais como a ideia de alma, de *mundo por vir* e de Deus. Para Onfray, a ideia de alma converge com a inferiorização do corpo e daquilo pelo qual o corpo é mais valioso: a possibilidade de experimentação dos prazeres (ONFRAY, 2014). De acordo com Onfray, a ideia de *mundo por vir* promove uma desvalorização do mundo terreno, mutável e perecível, dado que esse foi corrompido pelo pecado e está condenado à destruição (ONFRAY, 2014). Por último, a ideia antropomórfica de um Deus arquiteto, onisciente e onipotente, seria, por si só, uma recusa patológica ao caráter contingente do mundo, destituído de ordem e de finalidade (ONFRAY, 2014).³ Segundo Friedrich W. Nietzsche (2008):

A noção de ‘Deus’ foi inventada como antítese da vida – nela se resume, numa unidade aterradora, tudo o que é nocivo, venenoso, caluniador, todo ódio à vida. A noção de ‘além’, de ‘mundo verdadeiro’ só foi inventada para depreciar o único mundo que há [...] A noção de ‘alma’, de ‘espírito’ e, no fim, das contas, mesmo a ‘alma imortal’, foi inventada para desprezar o corpo, para torná-lo doente (NIETZSCHE, 2008, p.109).

Em contraste com este hedonismo, as ideias de Deus, *mundo por vir* e alma, sedimentam valores e discursos que embrutecem o homem, pois reduzem sua capacidade de utilizar-se da razão, dado que estão

³ É útil considerar que o pensamento de Epicuro, mesmo que seja anterior ao Cristianismo, apresenta elementos significativos para uma crítica a essa religião, assim como será realizado por Onfray, pois, entre outras razões, afirma que a morte é a desagregação dos átomos que constituem a alma e o corpo, logo, não há vida além dessa, nem alma que subsista à morte; e os fenômenos naturais ocorrem unicamente pelo movimento dos átomos, sendo incorreto atribuí-los ou condicioná-los ao arbítrio dos deuses/de um deus.

fundamentadas na fé; empobrecem a vida, pois afirmam que sua plena realização ocorrerá apenas em um *mundo por vir*, tão longínquo quanto hipotético, e reduzem as chances de que os indivíduos usufruam de experiências de prazeres reais e duradouros, dado que os ameaça com a possibilidade de castigos sempiternos, reservados àqueles que contrariam mandamentos que eles não criaram, mas aos quais devem obedecer.

Onfray defende que, por vários séculos, os textos bíblicos serviram de argumento para a condenação do prazer feminino, para a proibição das relações sexuais entre indivíduos do mesmo sexo, para a reprovação das relações amorosas não monogâmicas, e para a redução do sexo à função de procriação (ONFRAY, 2014). Os textos bíblicos constituem-se, então, por uma aversão congênita (ódio) ao sexo, ao corpo, à Terra, à vida, e que foi propagado e imposto à coletividade ao longo da história:

Ódio da vida acompanhado de uma indefectível paixão tanatofílica; ódio deste mundo incessantemente desvalorizado em comparação com um além, único reservatório de sentido, de verdade, de certeza e de beatitude possíveis; ódio ao corpo corruptível depreciado no menor detalhe enquanto a alma eterna, imortal e divina é revestida de todas as qualidades e de todas as virtudes; ódio das mulheres, enfim, do sexo livre e liberado (ONFRAY, 2014, p.45).

O hedonismo onfrayano se volta contra o ressurgimento de ideias, valores e discursos que, por longos séculos, reduziram a potência humana, e que se encontram fundamentados unicamente na superstição, como crenças que são causa e consequência do medo. Para tanto, Onfray afirma que seu hedonismo constitui-se como um modo de resistência em relação a esse ressurgimento, por apresentar o prazer como um valor supremo; por considerar a razão como um meio de liberação em relação às superstições, e por propor-se como um modo de vida que recusa a culpa em relação ao corpo, e que refuta a existência de um ser superior que orienta, vigia e reprova (ONFRAY, 2010).

3 O hedonismo como um modo de vida oposto às superstições: convergências entre Epicuro e Onfray

Para Onfray, é crucial que a filosofia volte a ser vivenciada na contemporaneidade como um modo de vida, isto é, como uma maneira individual e/ou coletiva de raciocinar, de agir e de construir relações com os outros e com o mundo (ONFRAY, 2010). O hedonismo em Epicuro e em Onfray afigura-se como modo de existência no qual o prazer de existir deve sobrepor-se ao sofrimento e, para tanto, declara-se avesso a qualquer ideia ou valor que insista em ultrajar a vida, em apregoar o sofrimento e o sacrifício de si e que promova, por conseguinte, o enfraquecimento do homem e da sua aptidão para o prazer.

A filosofia de Epicuro, assim como as demais filosofias da Antiguidade Clássica, surgiu e se sustentou pela aspiração e pelo afã de garantir aos homens uma vida feliz (HADOT, 2014). Apesar do aspecto hedonista constar somente em algumas vertentes filosóficas como o epicurismo, o eudemonismo (a busca pela felicidade) foi um aspecto comum e característico da filosofia grega na Antiguidade, que se apresentava como um modo de vida composto por ideias, valores e discursos que orientavam a vida cotidiana não apenas de indivíduos seletos, mas também de grandes grupos humanos (ONFRAY, 2008). Como reitera Onfray:

Sejam quais forem as escolas [da filosofia grega antiga], elas convidam o homem que pratica a filosofia a se desvencilhar do que impede sua felicidade, a trabalhar seus desejos para refazê-los e torná-los inofensivos, a se desfazer de todas as amarras [...]. O propósito é a autonomia, a independência, a ausência de sofrimento, de problemas, a existência feliz e a vida filosófica que a permita. Os exercícios espirituais, as reflexões, os diálogos, as meditações, as relações de mestre com o discípulo, tudo isso visa a construção de uma subjetividade radiosa, solar, independente e livre (ONFRAY, 2008, p. 47).

Combater às superstições na contemporaneidade, tal como foram combatidas por Epicuro em seu contexto histórico, requer, juntamente com a afirmação da filosofia hedonista, a reivindicação do seu caráter prático. Para Onfray (2010), obstruir o recrudescimento das superstições que ameaçam o homem e a vida consiste, em grande medida, em retirar a filosofia dos umbrais da universidade que a restringe, muitas vezes, ao aspecto unicamente teórico, discursivo e até mesmo hermético, se encontra limitada pelos imperativos institucionais ao ambiente acadêmico.

Tanto Epicuro quanto Onfray insistem em afirmar a utilidade da filosofia como uma prática por meio da qual os indivíduos podem conduzir voluntariamente sua própria vida, produzindo uma subjetividade potente, pois destituída dos valores e dos afetos causados pela ignorância e pela superstição. Ambos os filósofos se opõem, portanto, às filosofias erigidas sobre ideias ou teorias que não visem a construção de uma prática que, sobretudo, coopere com o aumento da potência humana para afirmar tudo aquilo que aumenta a sua aptidão para os prazeres e, por consequência, para a vida.

A maior ou menor utilidade da filosofia, bem como de uma ideia, valor ou discurso, aufere-se de sua maior ou menor potência para minar as ilusões, os preconceitos e as superstições que apequenam a vida, que a entristecem e que adoecem os homens (EPICURO, 2002; ONFRAY, 2010). Nesse sentido, ambos os filósofos e suas respectivas filosofias, apesar do lapso cronológico que os separam, convergem de modo visível no que concerne à demolição das ideias platônicas e cristãs, tais como alma ou mundo ideal. De acordo com Duvernoy (1993):

O *remédio* filosófico é um pensamento, um pensamento justo que deve se opor aos efeitos do pensamento terrificante [superstição], e que deve abrir a possibilidade de uma tomada de consciência de que nada sensível é terrificante. Existem opiniões que curam,

não porque sejam opiniões-saúde (assim como nenhum remédio é a saúde), mas porque elas se opõem termo a termo às opiniões do terror (DUVERNOY, 1993, p. 86).

Para o hedonismo de Epicuro, se, por um lado, as superstições são causa de medo e, portanto, limitam a fruição dos prazeres, por outro, a vivência dos prazeres deve seguir uma hierarquia segundo a qual alguns são mais úteis e devem ser buscados, enquanto outros são menos úteis e devem ser evitados (EPICURO, 2005). O critério de utilidade epicureu, segundo o qual os prazeres são reconhecidos e administrados, aponta que o prazer advindo da satisfação dos desejos naturais e necessários (como comer e relacionar-se sexualmente) são úteis, mas requerem uma vivência comedida, sóbria, restrita aos limites da satisfação básica. Assim, Epicuro recomenda, por exemplo, comer o suficiente para saciar a fome, resguardando-se de alimentos requintados, e recorrer ao sexo somente naquilo que o corpo requer para a cessação dos desejos mais urgentes (EPICURO, 2005).

Ao recorrer ao hedonismo de Epicuro, Onfray tenta levá-lo às últimas consequências, desvelando e legitimando a potencialidade de alguns prazeres que foram tratados por Epicuro com reticência, como o sexo, ou até mesmo com austeridade, como o prazer relacionado à degustação de alimentos. Para Onfray, o sexo e a degustação de alimentos afiguram-se como prazeres legítimos, que por séculos foram vistos com reticência, como em Epicuro ou conspurcados por superstições que desvalorizavam o corpo e que tratavam esses prazeres como licenciosidade e glotonaria, como foi feito pelas grandes religiões (ONFRAY, 2010).

O pensamento de Epicuro, segundo Guyau (1927), foi revolucionário sob variados aspectos. Um desses aspectos consiste em ter colocado o corpo como elemento condicionante da vida feliz, isto é, todos os prazeres, dos mais duradouros aos mais fugidios, dos mais úteis aos mais ameaçadores, dos mais intensos aos mais fracos, estão sempre condicionados ou só são possíveis por meio do corpo e da sua capacidade de sentir (GUYAU, 1927). Onfray reconhece o contingente de subversão e de motricidade desse pensamento, mas também tenta ultrapassá-lo ao afirmar que prazeres como o sexo e a degustação de alimentos constituem-se como práticas efetivas de fruição, cujo gozo requer um aprendizado e que o mesmo consiste, muitas vezes, na superação de superstições que os vinculam à animalidade ou à degeneração (ONFRAY, 2010).

Mais do que isso, Onfray também argumenta, tal como o fez Epicuro, que a recusa das superstições religiosas representa o reconhecimento individual e/ou coletivo de que a vida humana ocorre sempre no momento vigente, dado que não há outras vidas além dessa que se vive hoje (ONFRAY, 2008). Ademais, Onfray defende que é dever de cada um auferir os meios de amplificação e de vivência dos prazeres que conduzam à felicidade, desde que esses prazeres não representem riscos à felicidade coletiva (ONFRAY, 2010).

Aderir ao hedonismo epicurista ou onfrayano representa, por fim, uma transformação subjetiva que implica na superação da consciência individual marcada pela alienação, pois dominada pelo medo, pela culpa e pela cegueira das superstições que se configuram como causa de padecimentos. Em síntese, consoante Onfray, o hedonismo se sustenta a partir dos seguintes propósitos:

Desconstruir os mitos e as fábulas para tornar este mundo habitável e desejável. Reduzir os deuses e os temores, os medos e as angústias existenciais; [...] construir soluções com o mundo e os homens efetivos; [...] recusar-se a fazer da dor e do sofrimento vias de acesso ao conhecimento e à redenção pessoal; propor-se o prazer e a felicidade; [...] compor com o corpo em vez de propor detestá-lo (ONFRAY, 2010, p. 18).

Ao converter-se ao hedonismo, os indivíduos se comprometem com a construção de uma existência individual baseada em um projeto ético voltado à fruição dos prazeres e à conquista da felicidade. Orientada pela razão, a vida hedonista se opõe à vida comum, dominada pela paixão e pela irreflexão, pois requer que os indivíduos se comprometam com a edificação de uma subjetividade potente, isto é, de uma existência feliz.

Conclusão

Para Epicuro e Onfray, o medo e a culpa representam a necrose da vida ética. Para ambos, as superstições, criadas pelas religiões e outorgadas à coletividade, obstruem a capacidade dos homens de usufruírem da razão, de cultivarem prazeres verdadeiramente intensos e de construir relações positivas consigo, com os outros e com o mundo. Em resposta às superstições e aos supersticiosos, ambos os filósofos apresentam o hedonismo como um modo de vida, capaz de apresentar respostas efetivas às paixões tristes que produzem homens menos livres e menos aptos ao gozo.

Assim como foi vivenciado e apregoado por Epicuro, o hedonismo de Onfray apresenta-se como uma proposta de vida filosófica. Para ambos, o hedonismo constitui-se como uma oportunidade real de experimentação do prazer e de conquista da felicidade. Em suma, mediante a realidade de ascensão dos movimentos religiosos, que insurgem na contemporaneidade como expressão de forças sociais e históricas reacionárias, o hedonismo apresenta-se como um caminho régio para o combate aos valores, aos discursos e às ideias que enfraquecem o homem e sua aptidão para a vida.

Referências

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. 6. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2020.

DUVERNOY, Jean-François. **O epicurismo e sua tradição antiga**. Tradução de Lucy Magalhães. ed. 1. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

EPICURO. **Carta sobre a felicidade**. Tradução de Álvaro Lorencini e Enzo Del Carratore. São Paulo: UNESP, 2002.

_____. **Pensamentos**. 1. ed. São Paulo: Martin Claret, 2005.

GUYAU, J. M. **La morale d'Épicure et ses rapports avec les doctrines contemporaines**. 7. ed. Paris: Librairie Félix Alcan, 1927.

HADOT, Pierre. **Exercícios espirituais e filosofia antiga**. Tradução de Flavio Fontenelle Loque e Loraine Oliveira. 1. ed. São Paulo: É Realizações, 2014.

HOLBACH, Paul Heinrich Dietrich, Barão d'. **Sistema da natureza ou Das leis do mundo físico e do mundo moral**. Tradução de Regina Schöpke e Mauro Baladi. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ONFRAY, Michel. **Tratado de ateologia**. Tradução de Mônica Stahel. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

_____. **Contra história da filosofia: as sabedorias antigas**. Tradução de Mônica Stahel. 1. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2008.

_____. **A potência de existir**. Tradução de Eduardo Brandão. 1. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

MOLIÈRE. **Don Juan**. Tradução de Celina Diaféria. São Paulo: Hedra, 2010.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Ecce hommo: como alguém se torna o que é**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dario. **História da Filosofia Ocidental**. v. 5. Tradução de Ivo Storniolo. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2003.

SÊNECA. **Edificar-se para a morte**. Tradução de Renata Cazarini de Freitas. 1. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2016.

SILVA, M. F. da. A noção de *physis* apresentada na 'Carta a Heródoto' de Epicuro. **Classica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos**, [S. l.], p. 69–75, 1992. DOI: 10.24277/classica. V. 010.817. Disponível em: <https://revista.classica.org.br/classica/article/view/817>. Acesso em: 7 jun. 2022.

SPINELLI, Miguel. **Os caminhos de Epicuro**. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

ULLMANN, Reinhold Aloysio. 1. ed. **Epicuro: o filósofo da alegria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

Recebido em: 19/07/2022

Aceito em: 10/11/2022